



Protagonismo negro na literatura infantil: um projeto em construção

Maraisa dos Santos

Instituto Federal Sudeste de Minas Gerais – IF Sudeste MG, Campus São João Del Rei

Especialista em Didática e Trabalho Docente

maraisadossantos801@gmail.com

Kelen Benfenatti Paiva

Instituto Federal Sudeste de Minas Gerais – IF Sudeste MG, Campus São João Del Rei

Doutora em Estudos literários/Literatura brasileira

kelen.benfenatti@ifsudestemg.edu.br

Resumo: O presente trabalho busca na literatura infantil de autoria negra identificar um projeto contra o racismo e a valorização do negro, à medida que essa produção cria narrativas protagonizadas por personagens negras e discute assuntos importantes referentes à questão identitária e o respeito às diferenças. A metodologia de abordagem sobre o tema embasou-se nas reflexões propostas por Silvio Almeida (2019) e Silva (2006), na experiência da criação literária de “A fada da diferença” e na leitura de “Minha mãe é negra sim” (2008), de Patrícia Santana, para pensar a importância do protagonismo negro nessa literatura infantil, que, de alguma forma, pode contribuir para a valorização da imagem negra, do sentimento de pertencimento e para o combate ao racismo em sala de aula.

Palavras-chave: Literatura infantil; protagonismo negro; racismo.

1 Considerações iniciais

A literatura infantil está presente em diversos contextos, entre eles destaca-se o contexto escolar. Considerando que a sala de aula é constituída pela diversidade cultural, vale lembrar o papel da Literatura infantil no imaginário da criança, bem como em seu processo de formação. Nesse sentido, faz-se necessária a reflexão sobre o protagonismo de histórias infantis. Afinal, muitas delas trazem um evidente protagonismo branco.

A ausência de personagens negras no protagonismo dessas histórias nos faz questionar sobre o imaginário social construído a partir dessas narrativas ao longo do tempo e a necessidade de se trabalhar em sala de aula também com uma literatura que busque o respeito

às diferenças e a valorização do sujeito negro. Assim, merece destaque a literatura de autoria negra destinada aos pequenos leitores em que se observa esse protagonismo.

Em um contexto que ainda se observa o racismo, mesmo quando este se apresenta de forma camuflada ou como se costuma dizer, de forma “sutil”, abordar textos que desconstroem essa estrutura é de suma importância. E é, sem dúvida, papel também da escola.

Ao longo da História foram construídas hierarquias raciais e o negro, na literatura, era representado, muitas vezes, por estereótipos negativos que precisam ser desconstruídos, e os livros infantis, que valorizam o negro e sua cultura, são elementos significativos nessa desconstrução.

Sendo assim, o objetivo deste trabalho é analisar livros de literatura infantil de autoria negra como uma estratégia de inserção de assuntos como, por exemplo, a questão identitária, o combate ao racismo e o respeito às diferenças no processo de formação do pequeno leitor. Objetiva-se ainda discutir como a literatura infantil desempenha um papel marcante no imaginário infantil e no processo de formação do pequeno leitor e também a importância de levar para a sala de aula uma literatura infantil que trate das diferenças.

Para isso, selecionamos dois livros de literatura infantil em que há um protagonismo negro: “A festa da diferença”, de Maraisa dos Santos e Dalva de Souza Lobo e “Minha mãe é negra sim”, de Patrícia Santana. Metodologicamente, a abordagem do primeiro livro se dá por meio de um relato da experiência com a escrita enquanto autora e, no caso do segundo livro, enquanto leitora. A reflexão proposta fundamenta-se ainda nos autores Silvio Almeida (2019) e Silva (2006) que tratam do racismo estrutural e de questões identitárias e nas reflexões de Coelho (1991) sobre a Literatura Infantil.

2 Literatura infantil e escola: uma tentativa de voo

A presença da Literatura infantil na escola pode-se afirmar que é fundamental para o processo de formação da criança, uma vez que, em muitos casos, é a oportunidade de encontro com o livro literário. Segundo Nelly Novaes Coelho, a Literatura Infantil é:

Abertura para a formação de uma nova mentalidade, além de ser um instrumento de emoções, diversão ou prazer, desempenhada pelas histórias, mitos, lendas, poemas, contos, teatro, etc., criadas pela imaginação poética, ao nível da mente infantil, que objetiva a educação integral da criança, propiciando-lhe a educação humanística e ajudando-a na formação de seu próprio estilo (Coelho, 1991, p. 5).

Nesse sentido a literatura infantil é um ponto relevante na formação de identidade das crianças e do imaginário infantil. Ao analisarmos a sua história, podemos perceber que a produção da literatura, em certa medida, pode reproduzir a prática social de uma época, carregando consigo as histórias das culturas. Contudo, também observamos que em alguns casos, algumas culturas são menosprezadas e outras, valorizadas.

A tradição literária presente por muitos anos na escola é, sem dúvida, marcada pelo protagonismo branco, como nos contos de fadas. Contudo, faz-se necessário pensar em como essa literatura, pode interferir, por exemplo, na construção da identidade da criança negra.

A produção literária, como parte da cultura, reflete a sociedade na qual é produzida e como destaca Silva: “A nossa formação, como pessoas e cidadãos, dá-se numa sociedade que se considera essencialmente descendente de europeus e perifericamente de índios, negros e de outros grupos étnicos. E vê como modelo humano, o macho adulto, de pele branca, cristão, rico” (Silva, 2006, p. 168).

Segundo a autora, a reprodução de um “modelo humano” se volta não só às características físicas, mas religiosa e de classe. Se levarmos a discussão para o contexto de sala de aula, percebemos que se trata de diferentes alunos que carregam consigo vivências familiares, sociais e culturais, além, evidentemente da variedade existente de fenótipos nesse ambiente. Portanto o “modelo humano” dessa sociedade não se enquadra na diversidade brasileira nem no ambiente escolar, nem na sociedade de forma geral.

Para desconstruir esse “modelo humano” no processo de formação, é preciso propor mudanças em diferentes contextos de conhecimento, como por exemplo, a sala de aula. Para isso, é necessário que outras narrativas cheguem ao público leitor. Narrativas em que haja espaço para a criação de personagens que representem outras etnias e grupos que compõem o povo brasileiro.

Não há como negar que exista racismo no Brasil e também no contexto escolar. Em seu trabalho sobre o racismo estrutural, Silvio Luiz de Almeida (2019) compreende que instituições como a escola não criam o racismo, mas é por ela reproduzido. Já que na sociedade o racismo está presente na vida cotidiana, e as instituições que não tratem de maneira ativa as questões raciais irão facilmente reproduzir as práticas racistas já tidas como “normais” na estrutura social. Nesse sentido, é significativo pensarmos no papel da escola como desconstrutora dessa estrutura social perversa e da importância da realização de ações pedagógicas no combate ao racismo como uma prática escolar.

Cabe assim refletir sobre o papel da escola e do professor diante da construção de identidade da criança negra, pois, “[...] combater o racismo não diz respeito unicamente à identidade do estudante negro, mas também a do ser humano profissional professor.” (Silva, 2006, p. 175). Além do papel da literatura no combate ao racismo e na formação cidadã e educação étnico-racial do aluno.

A literatura pode ser uma ferramenta a ser utilizada para diversas finalidades, como ressalta Paim (2000, p. 69) “a literatura é a leitura da vida, envolta numa linguagem simbólica, reflexo puro da realidade, está travestida, redesenhada pelo autor e depois pelo leitor [...]”. Diante disso, vale destacar a possibilidade de comunicação e de expressão por meio da literatura de autoria negra que se inscreve como resistência contra o racismo ao se apresentar, em muitos casos, como uma experiência individual e coletiva.

Apesar de ser crescente a presença da literatura negra na escola, ainda precisamos de espaço no ambiente escolar e fora dele para divulgar essa literatura, visto que é preciso desconstruirmos a representação negativa do negro na literatura, como nos afirma Rufatto:

Se levarmos em consideração a quantidade de obras que compõe a literatura brasileira percebemos que o personagem negro aparece bem menos como protagonista em relação ao personagem branco e surge muito mais como coadjuvante ou mesmo como antagonista do personagem central (Rufatto *apud* Souza; Vieira, p. 82).

As considerações de Rufatto chamam a atenção para o papel de coadjuvante do negro na literatura brasileira durante muito tempo. E essa realidade nos faz refletir sobre a necessidade de rever essa ausência de protagonismo negro na literatura trabalhada em sala de aula. Essa necessidade de revisão da prática pedagógica é evidenciada por muitos autores:

Colocar em discussão a questão africana e afro-brasileira em sala de aula, de forma crítica e pedagógica, é dever de qualquer educador. A situação racial é uma questão de todos, não apenas do Movimento Negro, é algo que atinge toda a sociedade, independentemente da etnia ou do sentimento de pertencimento étnico-racial (Vergulino et al. *Apud* Souza; Vieira, 2016, p. 86).

Nesse sentido, a educação para as relações étnico-raciais é de todos e para todos e ao trazer para a sala de aula a literatura de autoria negra, mais que fazer conhecer esses textos, o educador pode mediar a construção de um pensamento crítico que promova o combate ao racismo e ao preconceito na sociedade, além de promover o sentimento de pertencimento dos alunos negros.

É preciso que, ao pousar na escola, a literatura infantil não perca sua capacidade de voo.

2 Por um protagonismo negro

Em tempos de resistência, a literatura infantil se torna uma aliada no âmbito escolar e também na sala de aula, tendo a possibilidade de ser uma prática pedagógica que possibilita questionar o que se naturalizou historicamente como “normal”. Não é “normal” que o protagonismo seja sempre branco e que os papéis secundários ou subalternos sejam reservados às personagens negras nas narrativas.

Diante disso, durante minha graduação em Pedagogia na Universidade Federal de Lavras me propus, juntamente com minha orientadora de pesquisa Dalva Lobo, a empreender em uma experiência com a escrita literária no livro “A festa da diferença”. Este livro foi fruto de um projeto de pesquisa intitulado “Escrita criativa: interfaces e desdobramentos” desenvolvido em 2018 e 2019, em que fui bolsista de iniciação científica. E assim propomos criar uma narrativa em que o protagonismo negro fosse evidente, diferente das narrativas que havia lido quando criança em que as personagens eram sempre brancas e muitas vezes de olhos azuis.

Nossa fada, a protagonista da história, era diferente daquelas que povoavam minhas lembranças de criança, era negra e alegre. Uma imagem do negro muito diferente daquelas que via representadas em livros como escravos, pessoas tristes e marcadas sempre pela dor e pelo sofrimento. Esse foi o ponto de partida para começarmos a desconstrução de estereótipos, afinal, nossa fada era diferente do padrão eternizado pelos contos de fadas. Ela é protagonista de uma história que trata das diferenças, da diversidade.

A protagonista resolve organizar uma grande festa na floresta e se vê diante de alguns entraves, já que a gaivota, sua amiga, queria convidar apenas quem voasse. Ao ouvir a conversa entre a fada e a gaivota, o caracol ficou muito triste e logo contou para o tatu o que a gaivota estava planejando. Assim começou uma tremenda confusão. Depois de muito desentendimento, a gaivota se arrepende e se desculpa com os outros animais que não possuem asas e por fim convida todos para a festa da diferença.

A fada Diferença, como é chamada, tem como característica principal uma pele negra como jabuticaba e seu corpo não corresponde aos padrões de beleza impostos socialmente. Tal construção se deveu ao desejo de valorização das características físicas dos

negros, do questionamento do que socialmente habituou-se a nomear como “belo” e da discussão sobre a diversidade, as diferenças. E nessa perspectiva Diferença assim como a relação com seu nome, consegue fazer a diferença na floresta, unindo os animais, trazendo para a história a moral que apesar de todas as diferenças todos podem ser amigos e respeitar o espaço de cada um nas suas limitações e peculiaridades.

Ao escrever essa história, evidentemente, não poderia deixar de lembrar minha vivência como criança negra na escola, o sentimento de exclusão e de falta de representação e representatividade nas festividades escolares e nos livros me fizeram, anos mais tarde, refletir sobre como isso interfere em questões identitárias e de pertencimento. Na escola, nunca fui a rainha da pipoca, a noiva da quadrilha, e nem a menina principal dos livros.

Outro livro de autoria negra se inscreve nesse projeto de construção da identidade negra e de combate ao racismo, trata-se de “Minha mãe é negra sim”, de Patrícia Santana.

O livro “Minha Mãe é negra sim” tem como protagonista um garoto negro chamado Eno, que é levado a se questionar sobre a sua origem, depois que sua professora sugere a ele que pinte o desenho de sua mãe de amarelo. No entanto, Eno queria pintar de preto, e assim ele volta para casa triste e começa a buscar uma explicação para a atitude da sua professora:

Amuado pelos cantos, Eno pensava no sentido de tudo. E não encontrava respostas. Ele era preto, seu pai e sua mãe também. Por que não podia pintar sua mãe de preto? Já ficava chateado com os apelidos que alguns meninos lhe davam, tudo coisa de bicho. Mas a professora dizer a ele que pintasse a mãe de amarelo? Era demais! (Santana, 2008, p.8)

Essa narrativa nos faz refletir sobre a importância da representação negra e também sobre a visão preconceituosa e deturpada promovida socialmente no que se refere aos padrões de beleza, pois o protagonista Eno foi induzido pela professora a colorir sua mãe de amarelo e não de preto, com a justificativa de que o desenho ficaria mais bonito. A professora desconsiderar a beleza da pele negra, as características físicas de Eno, a constituição étnico-racial de sua família, o desejo do menino em pintar o desenho da mãe de preto.

Dessa maneira a discriminação vivenciada pelo menino na escola ao ser repreendido por querer pintar o desenho da mãe de preto é simbólico para pensarmos em como a sociedade insiste em criar e conservar estereótipos. A tristeza do menino ao ser impedido de representar a mãe como ela é nos faz lembrar a história da população negra que foi e ainda é, em muitas situações, silenciada.

Podemos refletir ainda, por meio da situação retratada na ficção, sobre o papel do professor no protagonismo negro e principalmente no combate ao preconceito racial. No caso

da narrativa, a própria professora reproduz o preconceito racial tão presente na sociedade. Podemos observar na figura supracitada que a professora é branca e privilegia em sua fala o protagonismo branco, no momento em que sugere colorir a “mãe de Eno” de amarelo e não de preto. Tal situação, em certa medida, espelha uma realidade social, como ressalta Santos:

Os alunos alvos de discriminação racial, frente às situações de racismo, reagem de formas variadas. Há os que não conseguem se defender, silenciando frente às situações de discriminação sofrida. Mas também há os que fazem denúncias, reclamações, contestações, revides, numa clara forma de luta contra o racismo (Santos, 2007, p. 40).

Ao longo da narrativa, Patrícia Santana recria no texto literário uma situação de discriminação na qual o menino Eno não se limita a obedecer a professora, questiona se inquieta e busca no dicionário por respostas. Procura o significado da palavra preto, mas não encontra palavras de conforto:

Depois de uns dias de silêncio, Eno pediu para ir à biblioteca do bairro. Seu pai, satisfeito pela pequenina mudança, deixou. Eno foi direto procurar no dicionário o significado da palavra preto. Lá não viu muita coisa boa, achou de novo tudo muito esquisito. Voltou para casa triste demais. Queria melhorar, mas não conseguia, ainda mais na quinta-feira, que era dia de seu avô fazer a visita de sempre (Santana, 2008, p. 18).

Eno não encontra resposta no conhecimento institucionalizado nem na escola, nem no dicionário, mas na conversa com o avô, que lhe conta a história do povo negro e isso o faz se orgulhar de sua cor. Ouvir essas histórias dá a Eno a força que precisava para fazer aquilo que queria, pintar o desenho de sua mãe de preto:

O avô ouviu tudo, pensou, mastigou vento, coçou a cabeça. E começou. Falava de uma forma que só avô sabe, dando uma aula mansa, contando do tempo antigo, falando de racismo, das dificuldades que as pessoas negras enfrentaram e enfrentam para serem aceitas neste mundo (Santana, 2008, p. 11).

A “aula mansa” do avô que se volta aos antepassados, a tudo que o povo negro viveu e principalmente à sua luta e resistência irá inspirar o menino, em certa medida, a também resistir em sua própria luta: pintar o desenho de sua mãe de preto.

Enfim, ainda que Eno tenha passado por momentos tristes, ele conhece a sua verdadeira história e se orgulha dela. Isso nos faz pensar em como o protagonismo negro que valorize a identidade da criança no livro infantil se torna necessário. Assim como destaca Ribeiro (2020) em seu trabalho de conclusão de curso sobre a obra de Santana:

A obra tem linguagem simples e retrata questões que passam na cabeça do garoto e suas mudanças de comportamento ao longo da história, algo que se reflete e é acompanhado nas ilustrações, que compõem boa parte do livro. De forma delicada e sensível, Santana parte de um acontecimento corriqueiro para abordar o racismo velado no cotidiano escolar. E ainda, as implicações desse racismo na formação e próprio reconhecimento da criança enquanto sujeito. É possível elencar para a análise categorias como os ambientes em que se passam as cenas (escola, casa, esconderijo, biblioteca), as personagens (avô, professora e Eno), o enredo da obra e sua relação com as ilustrações. Patrícia Santana introduz o debate sobre raça e racismo na infância, sobre diversidade e respeito. No livro, os componentes (enredo, personagens e ambientes) reconstituem um ambiente possível e próximo das crianças, possibilitando a discussão, desenvolvimento do pensamento crítico e formação de si mesmas (Ribeiro, 2020, p. 12).

Podemos observar essa valorização da identidade da criança negra no livro de Santana e principalmente como a linguagem simples retrata questões que precisam ser discutidas no contexto escolar e na relação professor e aluno.

Enfim, há nas narrativas abordadas uma evidente preocupação com o destaque para o protagonismo negro. Eno e a Fada Diferença são personagens pensadas a partir de um projeto de valorização do negro e de sua cultura por meio da literatura destinada aos pequenos leitores. Nessas narrativas mais que protagonistas, as personagens são representativas quando pensamos na valorização do negro, de suas características físicas, de suas histórias, de suas origens, do sentimento de pertença.

3 Considerações finais

Ao aproximar-me enquanto leitora do livro de Patrícia Santana “Minha mãe é negra sim” e fazer um breve relato de minha vivência com a escrita criativa de “A festa da diferença”, fiquei imaginando o que nos unia. Para além da semelhança de sermos mulheres negras, compartilhamos também a formação e a vivência do ambiente escolar. Sou pedagoga na rede Municipal e trabalho com Educação Infantil; Patrícia Maria de Souza Santana, além de escritora é professora. Tais semelhanças me permitiram pensar que essas narrativas, cada uma a sua maneira, foram pensadas por educadoras preocupadas com a formação dos pequenos leitores e com as mudanças tão necessárias em nossa realidade quando o assunto diz respeito às identidades negras, ao sentimento de pertença, à valorização do negro e ao racismo presente em nossa sociedade.

Assim, no presente trabalho foi proposta uma breve reflexão sobre a literatura infantil de autoria negra como ferramenta de combate ao racismo e preconceito e ao mesmo

tempo como elemento capaz de promover o sentimento de pertença de crianças negras na escola. Nesse sentido, foi importante destacar o protagonismo de Eno que encontra na sabedoria do avô os elementos para reafirmar sua identidade e sua pertença ao povo negro e se orgulhar de suas origens, resistindo em suas convicções de pintar o desenho da mãe de preto. Ou ainda o protagonismo da Fada Diferença que desejava unir todos os animais da floresta, cada um com suas características próprias.

Nessas narrativas, pode-se dizer que o protagonismo negro é um ato de resistência no combate ao racismo e principalmente um aliado para a construção da identidade da criança negra, em que o leitor tem a oportunidade de se sentir representado. Mais que isso, é instrumento possível de ser usado em sala de aula para uma formação humanizada e cidadã, de forma geral.

Como leitora e escritora negra acredito que por meio da literatura podemos abrir portas para que o racismo seja combatido e o espaço da escola possibilite o encontro dos pequenos leitores com essa literatura, já que é apenas na escola que muitas crianças têm acesso ao livro literário. Livros como os apresentados trazem uma perspectiva na qual a imagem da população negra é representada de uma maneira positiva e sua história, valorizada.

Enfim, acredito que o fato de as crianças terem acesso à literatura negra desde a infância cuja temática se atém a questões pertinentes para a formação de um leitor crítico, consciente das diferenças e com sentimento de pertença, valorizando a si mesmo e a cultura de seus ancestrais, possibilita que o processo de construção de identidades se dê de forma mais diversificada e coerente com a constituição do povo brasileiro. Além de, evidentemente, possibilitar que no ambiente escolar se promova práticas pedagógicas que trabalhem contra o racismo e o preconceito racial.

As reflexões aqui esboçadas foram suscitadas ao cursar a pós-graduação em Didática e trabalho Docente e se inscreveram como parte de meu Trabalho de Conclusão de curso, uma vivência no IF Sudeste MG que me possibilitou, sobretudo, uma reflexão sobre o fazer docente e minha própria prática pedagógica.

Referências

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro/Editora Jandaíra, 2019, 264p.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil**: das origens indo europeias ao Brasil contemporâneo. 4 ed. Ática, 1991.

LOBO, Dalva, SANTOS, Maraisa. **A festa da diferença**. Juiz de Fora: Editora Siano, 2020.

PAIM, Jame Mari. **Da sedução do professor pela literatura à sedução do aluno**. Ijuí: Ed.UNIJUÍ, 2000.

RIBEIRO, Raiza de Cássia da Silva. **Literatura e formação do sujeito**: Uma análise do livro “Minha mãe é negra sim”. TCC (Graduação) – Licenciado em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e Língua Espanhola) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais – Campus São João del-Rei. 2021.

SANTANA, Patrícia. **Minha mãe é negra sim**. Ilustrado por Hyvanildo Leite. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2008.

SANTOS, Ângela Maria. **Vozes e silêncio do cotidiano escolar**: as relações raciais entre alunos negros e não-negros. Cuiabá, EdUFMT, 2007. (Coleção Educação e Relações Raciais, 4).

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Prática do Racismo e formação de professores. In. DAYRELL, Juarez. (Org) **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Minas Gerais: Ed. UFMG, 2006, p.168-178.

SOUZA, Gabriela Alves de Oliveira; VIEIRA, Wellington Neves. O ensino da literatura afro-brasileira como objeto de transformação social. In: FESTIVAL LITERÁRIO DE PAULO AFONSO (FLIPA). 2016. **Anais...** - Paulo Afonso, Bahia: Faculdade Sete de Setembro, 2016.

Black protagonism in children's literature: a project under construction

Abstract: The present work seeks in children's literature by black authors to identify a project against racism and the valorization of black people, as this production creates narratives starring black characters and discusses important issues relating to the issue of identity and respect for differences. The methodology for approaching the topic was based on the reflections proposed by Silvio Almeida (2019) and Silva (2006), on the experience of the literary creation of “A fada da Diferença” and on the reading of “Minha Mãe é preta sim” (2008), by Patrícia Santana, to think about the importance of black protagonism in this children's literature, which, in some way, can contribute to the valorization of the black image, the feeling of belonging and the fight against racism in the classroom classroom.

Keywords: Children's literature; black protagonism; racism.

Recebido: 28 novembro 2024

Aprovado: 28 janeiro 2025